



NOMES DO AMOR

o amor que ousa dizer seu nome

simone rodrigues

NOMES DO AMOR
o amor que ousa dizer seu nome

simone rodrigues

NOMES DO AMOR

Vlad e Roberto

Alfredo e Pedro Paulo

Matheus e Livio

Joana e Ique

Kika e Carol

Léa e MaLu

Robson e Steve

Bianca e Renata

Rodrigo e Gilberto

Weykman e Rogério

Laura e Marta

Claudia e Flavia

Jaqueline e Joana

Adriana e Taciana

Alex e Zal

Luiz Paulo e Diogo

Marc e Daniel

Luciane e Elis

Letícia e Ana

Cláudia e Virgínia

Xan e Vitor

Roberta e Gisa

Roberta e Juliana

Ellen e Karin

Marah e Samanta

Moisés e Hugo

Beto e Cláudio

Dalia e Eva

A OUSADIA DE MOSTRAR E DIZER

Jean Wyllys

FAMÍLIA, FAMÍLIA

Daniella Géo

RETRATOS / DEPOIMENTOS

ÍNDICE / LEGENDAS

A OUSADIA DE MOSTRAR E DIZER

Jean Wyllys

O amor – este sentimento ou emoção que, juntamente com a capacidade de pensar, funda nossa humanidade – tem sido evocado nos discursos individuais e / ou coletivos com que lésbicas, gays, bissexuais e pessoas transexuais reivindicam, em diferentes culturas e sociedades, visibilidade, representações positivas, respeito e direitos. Isto muito antes de os sexo-dissidentes e transgêneros se posicionarem para si mesmos e no mundo por meio das identificações que, hoje, constituem a sigla LGBT; e muito antes de o movimento político em prol de seus direitos emergir na esfera pública. O amor sempre esteve aí, ainda que, no princípio (e ainda hoje em muitos casos, infelizmente), ele não ousasse dizer seu nome.

Mulheres e homens submetidos a violências simbólicas e físicas por parte de instituições como a Língua, a Família, a Igreja, a Fábrica, a Escola, a Clínica, a Justiça e / ou o Estado, em função do que outros homens e mulheres consideravam o Inominável, o Vício, o Pecado, o Desvio, o Erro, a Doença, o Crime e / ou a Desobediência. Esse suposto Mal, na verdade, não passava do amor não reconhecido e reprimido. E se, num primeiro momento, viveram esse amor clandestina e privadamente, não ousando dizer seu nome em público para preservar reputações, relações e vidas, com o tempo e paulatinamente, engajaram-se na luta para dizer seu nome.

Sem evocar publicamente o amor, dificilmente gays, lésbicas, bissexuais e transexuais (no caso das pessoas transexuais, estamos falando de um amor a si mesmo; ao que elas sentem que são de verdade, já que, nesses casos, a questão não é de orientação sexual, mas de identidade de gênero) conquistariam o que hoje chamamos de “visibilidade e orgulho LGBT” – nem o direito ao casamento civil. E sem reconhecer que o amor transformou a instituição Família (nunca podemos perder de vista que esta começa a se transformar justamente a partir do momento em que as mulheres passam a conquistar o direito de se casar por amor, e não por obrigação), as famílias homoafetivas jamais se apresentariam como núcleos de relações duradouras baseadas no amor – nem, a partir daí, reivindicariam seus direitos civis, inclusive o de adotar filhos ou de gerá-los por meio de técnicas de reprodução assistida.

Ainda hoje, o amor permanece um elemento fundamental na luta de LGBTs pela cidadania e dignidade humana plenas. A prova disso é este livro que Simone Rodrigues dá à luz. Reunindo retratos de famílias homoafetivas em situações domésticas, acompanhados de testemunhos sobre diferentes experiências da passagem da vergonha para o orgulho, *Nomes do Amor* quer mostrar quão familiares são os casais sexo-diversos, com filhos ou não; ou seja, o objetivo do trabalho é mostrar que, de perto, esses casais têm algo em comum com todos os outros: eles se formaram a partir (e perduram por conta) do amor, ainda que este se apresente por meio de diferentes nomes.

Simone Rodrigues nos convida a constatar, em expressivas e emocionantes fotografias, que é o amor que faz a diferença. Se você duvida disso, confira. Se você não tem dúvida, confira igualmente – pois amor nunca basta.

FAMÍLIA, FAMÍLIA

Daniella Géó

O trabalho em progresso *Nomes do Amor – O amor que ousa dizer seu nome* se inscreve em uma nova política das representações, que reflete e reforça diversas transformações sociais ocorridas nas últimas décadas. Alinhada às conquistas da luta por direitos civis e pela igualdade racial, sexual e social, parte significativa da produção cultural contemporânea vem dar visibilidade a grupos vilipendiados pela sociedade dominante e a seus processos identitários, frente à dinâmica social e às relações de poder.

Estruturalmente ligada a esses processos, a família teve sua imagem-modelo contestada, deixando de ser cânone de grandeza moral e social. A antes suposta perfeição familiar, simbolizada pela hierarquia patriarcal, pela linhagem preponderantemente branca e pelo status social, teve suas mazelas expostas em inúmeras obras.

Ao mesmo tempo, tal qual sustentava o retrato de família tradicional, também se manteve espaço para a representação da felicidade e da coesão familiar – desta vez, de famílias com características outras. Mas, diferentemente dos retratos que promoviam um ideário familiar, esses projetos contemporâneos, em grande parte documentais ou pertencentes à prática da apropriação e reemprego de documentos visuais, não representam a família de forma dogmática nem excludente. Ao contrário, procuram justamente integrar ao panorama sociocultural retratos de sua diversidade, segundo parâmetros associativos. Não são as diferenças que são enfatizadas, mas sim o que há de universal à condição humana, a despeito de sua complexidade.

Entre tais abordagens, encontram-se projetos, desenvolvidos em vários países, que se dedicam especificamente às distintas configurações familiares, como é o caso deste trabalho de Simone Rodrigues, centrado em casais LGBT, casados ou em união estável, com ou sem filhos.

Em um país como o Brasil, onde, em plena segunda década do século XXI, vemos aumentar os índices de denúncias das violações dos direitos humanos da população LGBT, *Nomes do Amor* procura cumprir o papel importantíssimo de desmistificar o que seria ser LGBT e / ou constituir família sobre estas bases. Ademais, ao incluir famílias tão plurais no que diz respeito a grupos sociais e étnicos, faixa etária,

estilo de vida e parentalidade, o projeto, indiretamente, suscita questões familiares mais amplas.

Simone Rodrigues optou por retratar os consortes em suas residências. Sem adentrar os espaços mais íntimos do casal, como o quarto (e assim evitar um olhar voyeurista ou qualquer associação a questões de ordem sexual ou erótica), a fotógrafa se concentrou nas áreas de sociabilização da casa, mais frequentemente a sala, de acordo com o retrato clássico de família.

Os fotografados aparecem vestidos casualmente, muitas vezes descalços, de forma a enfatizar as ideias de comodidade e ocupação de um lugar que é seu. A noção de pertencimento, imbuída aí e em certos gestos e expressões de cumplicidade e companheirismo entre os sujeitos, é essencial. Somada a isso, a escolha de uma simplicidade estética e uma quase neutralidade autoral conferem ao contexto documentado sua *necessária* naturalização.

Ainda que curtos e informais, os depoimentos dos participantes, que acompanham suas respectivas imagens, ajudam igualmente a desfazer preconceitos, ao salientarem aspectos de suas vidas diárias, que dão conta da normalidade de seus núcleos familiares.

Mais do que legitimar a família formada por casais LGBT, *Nomes do Amor* vem resgatar e preservar sua memória como sendo tão própria à nossa sociedade quanto qualquer outra organização familiar. Em um momento de revisão do conceito de família e de avanços na elaboração de leis nacionais relativas à união homossexual, este projeto reverbera as mudanças sociopolíticas em prol da multiplicidade de constituições familiares para além de qualquer rótulo.

VLAD E ROBERTO

Hoje em dia é menos difícil para as pessoas assumirem sua homossexualidade. Antes havia uma questão subjetiva muito complicada, independentemente de como a sociedade, os amigos e a família reagiam. Pelo menos para mim foi assim, eu imaginava que as pessoas iam reagir muito mal. Hoje percebo que os gays têm mais facilidade de lidar com isso, com esse tipo de autocobrança, de cumprir um papel, de casar, ter filhos, todo esse rito social. Estamos descobrindo que há vários outros papéis. Antes não víamos isso, mesmo quando as condições reais não eram tão opressoras quanto imaginávamos. Não estou dizendo que hoje não existam, objetivamente, condições opressoras, é claro que existem, mas agora as pessoas são mais capazes de enxergar quando não são. Naquela época era mais difícil porque já imaginávamos o pior, criávamos mil fantasmas na cabeça: “O que as pessoas vão falar? Como é que a família vai reagir?”.

O drama estava na minha cabeça, era interno. Não conseguia imaginar qual papel iria cumprir na família, frente aos amigos, sendo gay. Porque só tinha como referência aqueles papéis pré-fabricados, estereotipados, dos programas de humor na TV, tipo *Os Trapalhões*. Era tudo tratado como piada, o personagem gay era mostrado de forma bizarra, como escracho da sociedade. O que eu poderia pensar que viria a ser? Não sabia qual seria o meu papel, como as pessoas iam me encarar. Conseguir imaginar como as pessoas te veem é muito importante porque nós somos animais sociais, a gente precisa disso, e eu estava tentando me enquadrar socialmente. Hoje existem muito mais referências na mídia, com diversos estilos de vida que uma pessoa gay, como qualquer outra pessoa, pode seguir.

Lembro que certa vez (isso foi em meados dos anos 80) minha mãe estava comentando com meu pai sobre aids. Ninguém sabia nada sobre o que era aquilo, e ela falou de “câncer gay”. As informações eram muito truncadas. Eu estava começando minha vida sexual e fiquei apavorado: “O que é isso? Um câncer que só dá em gay? Será que eu vou pegar câncer?”.

A comunidade gay poderia ter aprendido, por seu próprio histórico, a ser mais tolerante com a diversidade. Não querer ficar enquadrando todo mundo, tipo “Ah, esse cara é um gay enrustido”, “esse é um bi enrustido”, “esse é um hetero enrustido”. E não dá mais para ficar defendendo uma letra ou outra, tipo agora tem mais uma letra para entrar no LGBT... Z... P... Talvez devêssemos questionar a necessidade de ter mais uma letra para representar alguém. Mas sei que esse debate é supercomplicado, porque alguém vai dizer: “Essas pessoas foram oprimidas e isso é uma maneira de você contrabalançar essa opressão”. Então você tem uma letrinha na sigla que funciona um pouco como essa ideia de cotas. Já que há um histórico de exclusão, de desvantagem, então é preciso equilibrar de alguma maneira. Sempre fui mais a favor da gente transcender isso.





ALFREDO E PEDRO PAULO

Fui criado numa cidade do interior de Minas Gerais, carregada de preconceito, mas desde os 12 anos eu já sabia o que queria e a todo momento tentei buscar minha identidade sexual. Com 15 anos fui para a capital estudar, foi quando minha família soube. Tenho uma tia casada com outra mulher há 30 anos; assim, quando resolvi me assumir, foi muito menos doloroso para mim e para os outros, porque ela é uma pessoa que tem moral, tem princípios éticos e tudo o que as pessoas naquela época imaginavam que os gays não tinham. Ela já tinha provado que poderia ter um casamento firme, duradouro e ao mesmo tempo ser uma excelente profissional. De certa forma, elas são o modelo de família para a família inteira. Não só o modelo para os gays e lésbicas (que são muitos), mas também para os heterossexuais. É na casa delas que acontece o Natal todos os anos, isso é muito bacana.

Mas, apesar disso, de elas serem referência clara para todos, a união nunca foi verbalizada, elas nunca haviam se assumido como casal. A primeira vez que fizeram isso foi no nosso casamento. Quando perguntaram aos presentes se alguém tinha algo a dizer, uma delas se levantou e falou: "O que vocês estão fazendo é algo que a gente nunca conseguiu fazer em 30 anos. Por isso esse é um dia muito especial para nós". Não foi surpresa para ninguém, mas foi a primeira vez que se falou sobre isso.

Em relação à condição homossexual, acho que existe, sim, uma opção: você ser feliz com ela. Isso é uma opção. E tem gente que opta por não ser feliz. Se existe uma opção nessa história toda, é a de se assumir. Mas, ontogeneticamente falando, ou seja, se eu posso optar ou não por ter o desejo que eu tenho ou ser o que sou, não acredito. E não acho que isso seja uma questão genética, sinceramente; não sei se podemos botar na conta da genética aquilo que não é opção. Ninguém conscientemente opta por viver a homofobia, por não poder expressar afeto em público; ninguém optaria por ter que esconder a pessoa que ama do restante da sociedade. E isso nós fazemos todos os dias. Por mais que sejamos abertos, que não tenhamos nenhum tipo de questão com isso, todos os dias a gente precisa, de certa forma, camuflar aquilo que sente. Então, não, isso não pode ser opção. Só é desta forma porque a sociedade entende que isso é um problema.

Agora, o que faz com que a gente ainda assim enfrente tudo, ou seja, com toda a homofobia que se vive no mundo, com toda a falta de respeito, eu acho que é muito desejo. É muito desejo e é muita saúde psíquica, porque você enfrenta toda uma maré política, histórica e social em nome daquilo que você acredita, sente e quer. A opção é isso, é você viver uma vida sem questões, mesmo quando a sociedade toda te coloca isso como uma questão. Se eu conseguiria não desejar, aí é outra história. Mas, como não tenho a menor pretensão de deixar de desejar da forma como desejo, isso para mim não é um problema.

MATHEUS E LIVIO

Nós namoramos desde os 17 anos. Fomos os primeiros namorados sérios um do outro. Não chegamos a fazer planos de um relacionamento longo, o compromisso aconteceu naturalmente. Não imaginávamos que estaríamos até hoje juntos, mas foi dando certo... Hoje nos consideramos casados, mas optamos por não morar juntos, achamos que é muito cedo. É bom cada um ter seu espaço, até porque já passamos a maior parte do tempo juntos.

Demorou um pouco, acho que um ano, até eu contar para o meu pai. Para ele foi mais difícil encarar. Ele não falava sobre o assunto, mas uma vez, num churrasco, descontou tudo de uma vez e explodiu comigo, praticamente me expulsou de casa porque descobriu que eu estava namorando o Matheus. Não é que ele tenha descoberto tudo nesse dia, ele já sabia que eu era gay. Houve vários eventos na minha vida, desde a infância, coisas bobas que eu nem me lembro mais, mas que sinalizavam... Ele já sabia, sim. Sabia, mas não aceitava. Para ele, era uma coisa escondida. Nesse dia do churrasco, ele reagiu mal por saber que eu estava me assumindo. Muita gente aceita que o filho seja gay, desde que seja discreto. E foi bem nessa época, mesmo, que a gente começou a assumir que estava namorando.

O curioso é que a grande preocupação dele não era se eu ia sofrer e ser oprimido pela sociedade, até porque ele era um dos opressores. A grande questão, na verdade, é que ele não queria que os outros soubessem que ele tinha um filho veado. Com o tempo, as coisas foram se amenizando e eu prefiro acreditar que ele foi aceitando, do jeito dele. Não tocamos muito nesse assunto.

Já no meu caso, minha mãe sabia que eu era gay desde antes de eu namorar o Livio. Ela é muito esperta, percebia tudo e sacou super-rápido que eu estava com ele. Ela reagiu supertranquila: perguntou e eu falei. Meu pai é que finge que não sabe. Ele sabe, mas desde os meus 15 anos, quando descobriu sobre mim, nunca mais voltou neste assunto. Brigou muito comigo naquela época, me mandou sair de casa também, mas eu não fui, até porque não tinha para onde ir. Mas passou. Hoje ele ignora isso. Às vezes ele vem para o Rio e o Livio está aqui. Mas ele não pergunta, não questiona nada. Gosta do Livio, mas não toca no assunto, não quer ouvir. Mas nem por isso eu me escondo.

As pessoas mudam com o tempo. Veja o caso da minha avó: ela era uma pessoa superpreconceituosa e hoje é muito aberta para essa questão. Foi capaz de me acolher, ama o Livio, comenta nossas fotos no Facebook... Inclusive, é eleitora do Jean Wyllys. Mudou também a relação dela com um irmão mais novo, meu tio-avô, que é gay e sempre se escondeu. Nos últimos anos, ele começou a se abrir um pouco. Hoje, com algo em torno de setenta anos, ele já se permite falar mais do assunto e eles até conversam sobre os relacionamentos dele.





JOANA E IQUE

Eu já nasci uma menina, sempre muito feminina e minha mãe sempre viu porque era óbvio. Além disso, criança fala o que quer, não tem noção de que é “errado” um menino querer ser uma menina, até porque não é errado mesmo. Minha mãe me apoiava, mas ao mesmo tempo ela tinha medo. Então ela apoiava e, às vezes, reprimia também. Mas se hoje eu tenho uma personalidade forte é em parte por conta dela, do tipo de criação que eu tive.

No dia em que coloquei um vestido pela primeira vez (eu tinha uns 21 ou 22 anos), ela falou para eu não fazer isso. “Eu vou colocar, sim”, disse. Era um réveillon. Em algumas ocasiões antes disso, ela já tinha me perguntado, supercordialmente, “Você quer colocar o vestido?”. Aí, quando eu quis mesmo, ela disse que eu não ia sair daquele jeito. “Então eu não vou, porque sem o vestido eu não vou.” E eu fui!

Algumas pessoas foram muito importantes para mim nessa época, me ajudaram a perceber que isso não era nada ruim, e que é necessário “ser o que você é”. E eu sempre acreditei nisso, que ser trans é uma coisa incrível. Também tomei contato com a Teoria Queer, com alguns movimentos ativistas gays. Eu estava numa fase de transição e essa fase foi muito marcante porque eu não era nem “ele” nem “ela”. Depois passou, transitei e cheguei no “ela”, que era o que eu realmente sentia. Antes me chamavam apenas de Jô. Ainda chamam, eu adoro, mas agora meu nome é Joana. Ainda não fiz a modificação nos papéis; vou fazer, mas sei que é caro e demora. Eu não pretendo fazer a cirurgia de mudança de sexo porque é algo muito agressivo e não faz diferença no meu ser mulher, com esse dinheiro eu prefiro viajar bastante! Isso me faria sentir mais livre que uma operação.

Sobre preconceito, com certeza eu senti na pele, como todo mundo que foge da heteronormatividade. Mas, ao contrário do que possam pensar, as coisas mudaram muito – para melhor – depois que eu transitei de gênero, pelo simples fato de que agora eu sou lida socialmente como uma mulher, e bonita: isso não incomoda, isso agrada às pessoas. Trabalho com arte, então no meu meio social e de trabalho sinto o carinho e a admiração dos outros. Mas no prédio onde moro desde criança e hoje vivo com meu marido, onde as pessoas sabem da minha história, a coisa muda de figura: já sofri perseguição da antiga síndica e situações chatas envolvendo porteiros. Mas não devemos abaixar a cabeça e sim tentar fazer com que essas mentes pequenas entendam algo que na verdade é tão simples...

A família do Ique não lidava bem com o fato dele sair com homens, mas lidam bem com a nossa união. Porque, de algum modo, nós nos enquadrámos numa visão heteronormativa; socialmente falando, somos um casal heterossexual e, de novo, isso não incomoda. Pelo contrário: nossas famílias se dão bem e ficam muito felizes com a nossa união.

KIKA E CAROL

TEREZA

Quando nos conhecemos, costumávamos dizer uma para a outra: “Nossa, que loucura vai ser a gente como casal!”. Era realmente um sentimento de surpresa. Nós temos o mesmo signo, gostamos das mesmas coisas... Depois de alguns anos juntas, tivemos o desejo de ampliar, do casal virar família. E de novo veio essa sensação, com a mesma intensidade: “Nossa, que família a gente vai ser!”. As pessoas costumam falar “Como vocês são corajosas!”, mas a gente não se sente assim, apenas vivemos com naturalidade. Eu não penso “Eu tenho uma família homoafetiva”. Essa família só existe porque é natural.

É impressionante como um filho legitima algumas coisas. Não há resquícios de preconceito que permaneçam. A criança vem e é só amor, a família toda se rende. Nós sentimos que agora há um respeito maior.

Mas ainda há muita desinformação na sociedade, as pessoas ficam um pouco chocadas. É mais uma surpresa do tipo “Espera aí, mas como assim?”. Algumas perguntam “Mas como foi? Foi inseminação? Vocês adotaram?”. Fica um ponto de interrogação na cara das pessoas. Eu acho muito legal, porque pelo menos elas já verbalizam, falar sobre a questão já é um avanço.

Nós mesmas já nos pegamos na dúvida sobre como lidar com a situação. Certa vez fomos a uma loja de bebês, a Carol estava grávida e a mulher perguntou sobre o pai. Na hora deu uma preguiça de contar tudo, de entrar no assunto, aí eu rapidamente falei “É, é, o pai é grande, sim”. Depois nós refletimos e concluímos que não podemos entrar nessa, não podemos ter essa preguiça. Porque a Tereza está aí, ela já sabe de tudo e tem que ouvir a verdade para que isso fique num lugar tranquilo. Quanto mais naturalmente a gente trata a questão, mais as pessoas se abrem. Porque o preconceito parte da nossa dificuldade. Ninguém é culpado ou faz por maldade, eles simplesmente desconhecem. Quando começam a conhecer, deixam de lado essa coisa do “diferente”, porque é absolutamente igual: os sentimentos, a maneira como você vai cuidar, as dificuldades...

Quando decidimos que teríamos filhos, começamos a pesquisar, a procurar médico, a pensar se seria com um amigo ou com doador. Conversando com uma amiga que tinha tido filho com um conhecido (que ela havia liberado da responsabilidade da criação), ouvimos dela a seguinte frase: “Na verdade eu sublinhei uma ausência”. A criança sabe que ela tem um pai, que ele existe, só que não liga para ela. E isso foi muito determinante para nós. Optamos pelo doador anônimo porque planejamos ter uma família com duas mães. Sabíamos que, na prática, essa terceira pessoa não faria parte da criação da Tereza.

O mais chocante é o preconceito de algumas religiões, como elas podam os principais valores religiosos, que são o amor, a compaixão, o respeito, e jogam com o ódio, a intolerância. Isso demonstra o quanto elas estão afastadas do ensinamento primeiro da espiritualidade, que é o amor universal, e como preferem este papel de aprisionar, de adestrar as pessoas.





LÉA E MALU

PEU
PEDRINHO

As estatísticas são muito tristes. Um adolescente gay tem seis vezes mais chances de tentar o suicídio do que outro adolescente. Isso é grave demais. Como professora, consigo perceber no meu cotidiano como a homofobia e a transfobia são danosas no ambiente escolar. Minha militância passa por esse lugar, de lutar contra a exclusão homofóbica e transfóbica na escola.

O nível de escolaridade das travestis é muito baixo. Quando elas começam a entender, a construir uma identidade de gênero, com onze, doze, treze anos, é quando a escola começa a rejeitá-las, é quando a família as joga na rua. Quem as acolhe? Sem escolaridade, como é que elas vão trabalhar? Como vão construir um itinerário profissional? Isso é gravíssimo na nossa sociedade e precisa ser discutido a fundo.

Nossa editora, a Metanoia, é especializada em literatura homoafetiva e teologia inclusiva. Nós defendemos a teologia inclusiva, em primeiro lugar, porque é escrita por pessoas muito sérias, por teólogos que estudam o contexto da bíblia dentro da antropologia, da sociologia, da psicologia, enfim, estudiosos que usam ferramentas que a ciência fornece para desconstruir o discurso homofóbico. Ela também é conhecida como “Teologia Queer”.

Qual seu grande mérito? É que ela usa a linguagem teológica, a linguagem da crença – que não é a mesma linguagem da ciência. Quando você encontra um fundamentalista raivoso e usa um argumento científico (como já vimos em vários debates), o diálogo não acontece. Porque a linguagem dele é a teológica, a linguagem mitológica da bíblia. O imaginário dos fundamentalistas religiosos é totalmente diferente do ideário da ciência. Eles caminham paralelamente. Mas se você estuda teologia inclusiva e aprende a desconstruir os argumentos da exclusão e dos preconceitos que se baseiam na literalidade da bíblia, os fundamentalistas perdem seus argumentos. Porque eles não estudam, eles só repetem o que leem. Eles não vão ao contexto histórico, não sabem fazer uma leitura crítica.

Nós somos militantes. Na passeata, na caminhada pela liberdade religiosa, nós estamos lá. Na parada gay, na caminhada de visibilidade lésbica, estamos lá também e por aí vai. Nós temos um papel político. A gente acredita que nossos livros podem abrandar esses discursos calorosos em que as pessoas usam argumentos da religião para excluir outras pessoas. Na verdade, nossa literatura desconstrói esses discursos; a partir daí fica muito mais fácil conversar, construir pontes com as diferenças. Partindo do discurso teológico inclusivo, em vez de você construir muros, você constrói pontes entre as pessoas. Nós lutamos por isso, por uma escola inclusiva, uma Igreja inclusiva, uma sociedade inclusiva.

ROBSON E STEVE

A gente sempre quis casar, mas vinha adiando, adiando, até que o Robson enfartou. Nós morávamos no Piauí. Aí pensei “Se ele está na UTI, esse casamento vai ter que ser agora, porque na hora que ele entrar para a cirurgia, quem garante que ele vá sair?” Então fomos eu, dois grandes amigos nossos, ambos heterossexuais, a um cartório de Teresina. Eu disse que queria uma união homoafetiva, mas tive que explicar várias vezes porque uma das donas não conseguia entender... Falou que nunca haviam feito aquilo antes. Enfim, acabamos casando na UTI mesmo, que é um lugar onde só entra uma pessoa por vez, mas exige que o amor subvertesse a regra: “Vai entrar todo mundo!”. Daí veio o padrinho, uma amiga, a tabeliã, vieram as testemunhas, as flores... O hospital inteiro sabia, foi uma festa! As fotos são muito engraçadas, a única pessoa que não está de máscara é o Robson.

Eu me assumi com 15 anos para uma família extremamente conservadora, foi bem complicado. Eles sempre tiveram dificuldades com isso. Saí de casa com 18 anos. Num determinado momento a coisa aqui no Brasil ficou muito feia e, em 1972, me exilei, até por causa de um episódio em que fui preso e espancado. Sim, foi por causa da minha orientação sexual: estava beijando meu namorado em público. Sempre me lembro de um mote muito caro às feministas dos anos 70: “O político é pessoal, o pessoal é político”.

Quando minha irmã se deu conta de que nosso namoro era sério, disse que era inaceitável e passamos dez anos sem nos falar. Mas, tantas voltas o mundo dá, hoje somos novamente grandes amigos, como fomos durante a infância. Ela teve uma filha cega e aprendeu na pele o que é preconceito; houve um pedido de desculpas muito emocionante. Enquanto isso, eu tive a família do Robson, que sempre me acolheu, me aceitou, sempre foi muito carinhosa comigo – tudo o que a minha família não me deu.

Muita gente traz resquícios de ódio contra si mesmo, de um autodesprezo por não corresponder a certas expectativas sociais, familiares, e se sente miserável por isso. Sente-se infeliz e pensa coisas do tipo “Será que eu seria mais feliz se gostasse de mulher? Se tivesse uma renca de filhos?”. Isso é uma falácia, uma besteira, mas estamos formatados nesse modelo de identidade. Você é educado para ser uma coisa num momento em que está descobrindo que é outra. Não é fácil aceitar aquilo que realmente somos. Criamos uma autodecepção em relação a isso que a gente tem que superar, tem que lutar e seguir em frente. Se aceitar, mesmo, porque a autoaceitação é fundamental para a própria aceitação social.

Uma coisa importante também é aquela máxima Oswaldiana, “A alegria é a prova dos nove”. Eu cheguei num ponto em que prefiro rir a gozar. Quando eu digo rir, é aquela gargalhada que dói o estômago, que você cai no chão, que rolam lágrimas... A gente ainda consegue fazer isso pelo menos uma vez por dia. Rimos muito de nós mesmos, dos outros, do mundo. Amor é humor.





BIANCA E RENATA

VALENTINA

Sobre o plano de ter filhos a gente fala desde que se conhece. Com um ano de namoro, já perguntávamos “Como vai ser?”. A gente sonhava, mas não tinha ideia de como realizar esse sonho, como seria o tratamento, com qual médico... O primeiro pensamento que costuma vir é “pega um amigo gay”, mas não é tão simples assim. A ideia foi amadurecendo aos poucos, a gente começou a entender melhor, foi se informando. A perspectiva também aumentou, tanto financeira como de metas de vida. Quando a gente viu, já tinha todos os elementos de que precisava. Foi quando decidimos.

Eu era muito fechada, muito reservada em relação à nossa vida. A Valentina fez uma explosão dentro de mim. Quando a Bianca engravidou, tomei algumas providências rapidamente: chamei certas pessoas e disse “Preciso conversar com você. Tem algo muito bacana que acabou de acontecer, eu estou muito feliz e como você é uma pessoa importante para mim, eu preciso dividir isso”. E saí falando assim com várias pessoas. Precisei falar com chefe, amigos, gente que nunca soube nada da minha intimidade. Ou talvez até soubesse, mas respeitava por eu nunca abordar o assunto. Hoje elas comentam minha transformação e eu me sinto muito mais leve, muito mais feliz. Essa sou eu, antes eu era metade.

A chegada da Valentina exigiu essa transformação. Ela me permitiu compartilhar algo que antes eu não me permitia. Antes eu achava, talvez por preconceito, por medo da não aceitação, que estaria agredindo as pessoas, confrontando suas ideias, por isso preferia fazer segredo. Ela me deu coragem. Aquele receio, aquele medo, simplesmente se diluíram e constatei que eu mesma havia construído uma barreira. Ficou comprovado que era algo muito mais construído por mim do que de fora para dentro, pois a aceitação das pessoas foi unânime.

Com isso, nossa vida mudou inteiramente. É como se a gente tivesse saído do armário. Não que antes não fôssemos assumidas, mas não fazíamos a menor questão de mostrar para ninguém. Depois da Valentina, começamos a participar de grupos, de programas, a dar entrevistas. A gente quer e precisa mostrar que sim, aqui existe uma família, que isso é possível, que as pessoas podem ir atrás dos seus sonhos.

A Valentina está na creche desde os cinco meses. Assim que a gente entrou, a Bianca foi convidada para fazer parte de um grupo de mães no WhatsApp. Quando ela foi adicionada, disse “Gente, está aqui o número da outra mãe da Valentina, a Renata”. Um tempo depois, uma das mães falou “Ah, eu nunca comentei nada, mas queria dizer que minha filha também tem duas mães, eu e fulana”. A menina era mais velha que a Valentina, já estava na creche há muito tempo. Olha que coisa bacana! E necessária: toda criança precisa dessa autoestima, desse reconhecimento. Isso me tocou demais, justamente porque nós vivemos essa ruptura e estamos incentivando outras pessoas. Nós abrimos uma porta.

RODRIGO E GILBERTO

PAULO HENRIQUE

Já vivemos algumas situações de racismo com o Paulo que nos incomodaram muito. Foram situações que, talvez, não tivessem acontecido se fosse pai negro e filho negro, pois nos identificaríamos como família. É um racismo muito focado nele e só acontece porque ainda somos muito racistas. Mas, se você pensar bem, não é só discriminação de raça, é uma questão de ainda não se ter percebido que hoje não se pode mais julgar se as pessoas são da mesma família só porque se parecem ou não. De repente, um cara japonês e uma mulher loura podem ter um filho negro, e isto é uma família.

Existe essa questão da configuração de família que a gente precisa brigar agora para mudar. Não pode mais ser do tipo “Ah, tem um narizinho igual ao da mãe, o cabelinho igual ao do pai”, não é mais isso. Nós estamos juntos, tem amor ali envolvido. Qualquer configuração que seja, é família. Não dá para julgar pelo físico, não.

Hoje vemos uma mudança lenta e gradual dos casais, o que chamam de “normalização da homossexualidade”. Eu não vejo nestes termos, pois têm uma conotação ruim, como se ser normal fosse ruim; há uma tendência a enquadrar as pessoas. A homossexualidade sempre foi subversiva, estava ligada aos guetos, à sexualidade, liberação, libertinagem, àquela coisa subversiva. E não tem coisa mais subversiva hoje em dia do que pegar uma criança e levá-la para uma festa infantil com dois pais. Tem um ar de normalidade, mas é subversivo enquanto o Brasil não for como a Suíça. A gente não é Suíça. Eu não estou querendo ser “normal”, estou querendo ser igual a todo mundo, ser reconhecido pela minha personalidade, pela minha história, minha família. Sem tentar explicar “como pode” essa família de dois homens querer ser normal!

A maioria dos nossos amigos não é gay. A minha rotina de vida não é uma rotina do “estilo de vida gay”. Eu não vou para a academia, não me meto em boate, não tenho essa coisa de só ter amigo gay. Desse “estilo” a gente pouco faz parte, porque nossa rotina é de trabalhador, ainda tem que arrumar a casa, fazer comida, levar nosso filho para a escola, para a natação... Tem que trabalhar, botar grana, pagar os mesmos impostos. E às vezes a conta está apertada, o salário não entrou...

Nós já passamos pela nossa fase de sair, curtir. Se você for pela primeira vez a uma boate gay, é uma coisa fantástica. Porque você percebe que há pessoas iguais a você e que fazem coisas que você faz, que você gosta, e são “normais”. É uma descoberta. Mas passa, como tudo na vida. Então você entra em outra fase. Inclusive essa fase do gay contestador misturado com essa questão sexual, hipersexualizada, hiper marginal, essa fase, essa estratégia, ela envelheceu também. A estratégia agora é outra. É entrar no sistema e subverter de dentro para fora. É mais inteligente, nossa onda agora é essa.





WEYKMAN E ROGÉRIO

ANNA CLÁUDIA
JULIANA
LUIZ FERNANDO
MARIA VITÓRIA

Sempre que conversávamos sobre nossos futuros filhos, não tínhamos qualquer dúvida: o caminho seria a adoção. Nós combinamos de atender às duas vontades: ele queria um menino, eu queria uma menina. Só que, quando começamos a participar dos grupos de adoção, percebemos o quanto essa questão do perfil é complicada. Em determinado momento do processo de habilitação, deve-se optar: quantas crianças, qual etnia, se aceita com doenças transmissíveis, com que idade etc. Nosso perfil era mais racional, a princípio eram duas crianças de até sete anos, mas depois começamos a questionar: “Duas? Por que não três? Sete anos? Por que não oito ou nove? Que diferença faz?” E aí surgiu o momento de conhecê-los. Eram quatro crianças num abrigo em Marechal Hermes, estavam lá há seis meses. Nosso processo foi um pouco mais fácil por causa disso: são quatro irmãos com idades diferentes. Essas adoções são mais difíceis de acontecer.

Hoje o Cadastro Nacional de Adoção possui quase 30 mil pessoas aptas a adotar em todo o Brasil. Elas já passaram pelo processo de habilitação, é como uma carteirinha que diz “eu posso adotar”. E há seis mil crianças em abrigos aptas à adoção, ou seja, todo o processo de desvinculação, seja pela morte dos pais, seja pela perda do pátrio poder, já foi concluído. Seis mil crianças habilitadas, mais 40 mil em abrigos, em processo de habilitação. Só que os perfis não batem, porque mais ou menos 70% das pessoas aptas a adotar querem uma criança de até três anos, branca e preferencialmente do sexo feminino. E não é essa a realidade do nosso país. Nos abrigos, a maior parte das crianças é negra ou parda, um pouco mais velha, muitas vezes meninos e com algum tipo de doença (principalmente HIV) ou alguma deficiência física.

É notória a mudança do paradigma do perfil na adoção homoafetiva. Ainda não temos estatísticas formalizadas sobre o perfil das crianças adotadas por casais gays brasileiros, mas sabemos que é sempre um pouco mais amplo: são crianças mais velhas, negras, com algum problema de saúde... Talvez porque muitos de nós já passaram por sofrimentos assim, aprendemos a lidar com o preconceito na própria pele, então é muito mais fácil olharmos para uma criança “diferente” e enxergá-la normalmente. Há uma identificação muito maior com essa criança do que, talvez, se fosse um casal heterossexual, que não veria nela seu retrato. Isso acontece muito.

Em certas comarcas, um casal gay encontra inúmeras dificuldades para adotar, mesmo com toda a jurisprudência já bem clara quanto a isso. Não queremos nada além do que já está estabelecido como direito para a sociedade como um todo, só queremos os mesmos direitos. É fundamental mostrar para a sociedade que nossa família é comum, nossos filhos são comuns. O comum é muito mais lindo quando desaparece. O amor é comum, o afeto é comum. Essa é a maior prova que podemos contrapor a todo e qualquer preconceito.

Desde que começamos a falar sobre essas questões publicamente – se assumir gay, constituir família –, a fazer peças de teatro sobre o tema, participar de programas de TV etc., muitas pessoas do Brasil todo começaram a nos escrever para compartilhar seus problemas; outros, para elogiar nossa coragem, porque apesar de se acharem assumidos, não conseguem se abrir no ambiente de trabalho, por exemplo. Como a gente costuma compartilhar nossa felicidade, as pessoas pensam que sempre foi fácil, mas não foi. E foram justamente as dificuldades que nos levaram ao ativismo.

Começa por essa dificuldade de se assumir para a família. Nós vivemos os primeiros cinco anos do relacionamento sem que eu pudesse falar sobre o assunto em casa. Imperava a “lei do silêncio”, o que é um horror, porque você vive como se estivesse fazendo algo errado. Até que um dia, numa conversa sobre cotas raciais, minha mãe falou que eu não sabia o que era sentir na pele o preconceito e a discriminação. Eu não me contive e falei: “Estou com a mulher que amo há anos e não posso falar sobre isso!”. No dia seguinte, ela me acordou para dizer que não havia nada de errado comigo, que reconhecia que o preconceito era dela, que mesmo ela não querendo, estava sentindo aquilo e que ia lutar para superar. Essa promessa fez muita diferença porque a partir daí nós começamos a nos apresentar como casal na família. No início, a aceitação era só na família nuclear, na família ampliada ainda era aquela coisa que não se discute, aquele Natal sozinho... A gente teve a “salvação” pelos filhos, mesmo.

Primeiro buscamos a adoção, pois queríamos quebrar o paradigma do vínculo biológico, embora também desejássemos gerar. Desde o início, planejamos ter três crianças. O processo de habilitação caminhou muito lentamente. Enquanto isso, conhecemos pessoas que já haviam conseguido vencer essa batalha. Foi muito importante ver uma família funcionando com duas mães, com os filhos já registrados em nome das duas, as crianças felizes, isso nos deu muita segurança. No decorrer dessa história, começamos a fazer a inseminação artificial e a Marta engravidou da Rosa. Contamos para a família toda e a receptividade foi fantástica. A Rosa chegou harmonizando tudo. Passados dois anos, chegaram José e Clarissa, ao mesmo tempo: quando eu estava grávida de oito meses do José, recebemos o telefonema da Vara da Infância com a indicação da Clarissa, que na época tinha quase três anos. O processo de aproximação e adaptação durou quatro meses antes dela vir morar conosco.

Os primeiros meses foram difíceis, mas aos poucos as coisas foram se ajustando e eles formaram um trio muito amigo, que vive numa alegria constante. E a gente fez disso uma causa. Há muita gente passando pelas dificuldades que passamos, há uma luta política pelo reconhecimento das nossas famílias, dos registros das crianças, dos nossos casamentos, dos nossos direitos. A gente precisa se engajar.

LAURA E
MARTA

ROSA

JOSÉ

CLARISSA





CLAUDIA E FLAVIA

Quando a gente se conheceu, já na segunda vez que saímos, fomos tomar um vinho no Empório Santa Fé e fomos muito maltratadas. Estávamos naquele início de namoro, trocando carinho, e o casal da mesa ao lado se sentiu incomodado, ou agredido, e falou com o maitre. Daí a pouco ele veio até a mesa e disse “Vocês podem se conter? Podem aprender a se controlar?”, entre outras coisas... Nossa, foi o maior baixo astral! Eu fiquei com vontade de morrer, mas a Flavia reagiu: “O senhor sabe que isso é crime, não sabe?”. Acabou nossa noite, pagamos a conta e fomos embora. Para piorar a situação, na hora que estávamos saindo, o dono veio todo grosseiro dizendo “Isso aqui é um lugar de família” e mais não sei o quê, até a mulher dele veio meio que aparando... Eu não me contive e falei para ela “Deve ser muito difícil ser casada com um senhor desses!”. Ele ficou muito puto e parecia que ia bater na gente. Nós saímos. Isso foi numa sexta-feira; passamos mais dois dias com aquela sensação ruim e, então, concordamos que era preciso fazer algo.

Na época, ainda funcionava a 9ª DP ali no Catete. Fomos lá fazer um registro de ocorrência. Eu já cheguei ao balcão falando para o policial “Quero fazer uma denúncia porque fomos vítimas de homofobia”. Aí o cara ficou todo perturbado, “Não sei o que fazer, não posso fazer nada”. Nós insistimos: “Quer dizer que viemos aqui para registrar uma ocorrência e não seremos atendidas?”. O cara teve que engolir em seco e falou com um tal inspetor Fernando, que foi quem resolveu, que chegou e falou “Vamos tentar resolver essa coisa, mas vocês vão ter que fazer uma acareação.” Foi uma cena! A gente teve que voltar ao restaurante dentro da viatura da polícia, de sirene ligada, na contramão. O carro parou na porta, foi horrível. Entramos e identificamos o maitre, “Foi ele!”. O dono não estava ou se escondeu, e a gente acabou levando o maitre para a delegacia. O cara só pôde pegar os documentos e entrar na viatura. Aí eles acionaram o advogado deles (que era o filho do dono), ele chegou lá gritando “Não fala nada! Não aconteceu nada!”, e a gente assistindo àquela cena. O inspetor Fernando colocou ordem: “Você cala a boca! Ponha-se daqui para fora! As meninas chegaram aqui no maior respeito. Você está pensando que isso aqui é o quê? Isso aqui é uma delegacia!” Foi uma baixaria completa...

E então fizemos o registro de ocorrência. Aliás, foi a primeira vez que vimos nossos nomes escritos como namoradas... Num registro de ocorrência! Se estivéssemos nos estapeando, provavelmente estariam rindo, não fariam nada, com certeza pensariam “É briga de mulher, devem estar brigando por causa de homem, depois se ajeitam”. Nossa relação já começou assim, com a gente sendo empurrada para batalhar pelo direito de existir como pessoas que trocam afeto em público.

JAQUELINE E JOANA

Joana já passou por isso, eu não. Ela já passou pela situação de estar com uma namorada, dar um beijo e ser expulsa do lugar. Eu nunca passei, mas pensava “E se eu passar, o que vou fazer?” Dizer que ela é minha namorada e apelar para os direitos humanos? É muito mais importante tirar uma certidão de casamento e poder falar “Somos casadas. Ela é minha esposa. A justiça reconhece minha união e você tem que respeitá-la também”. Isso foi um ponto muito importante para decidirmos nos casar oficialmente. O pai dela fez questão de mostrar para todo mundo que estávamos nos casando, não quis que fosse um casamento escondido, fez questão de fazer uma festa, de nos apresentar para a sociedade.

Para o casal heterossexual, o revolucionário é não casar, é só morar junto, abrir mão dessa coisa tão batida que é o casamento. Com a gente acontece o oposto: exercer o direito ao casamento civil, isso sim é revolucionário! É engraçado como os valores se invertem. É muito importante exercermos um direito que foi conquistado. Porque direito que não é exercido é direito perdido. Foi isso que nos moveu ao casamento civil e ao casamento religioso também, que aconteceu numa cerimônia budista.

Tanto é diferente que a minha mãe, que já sabia que eu saía com mulheres, que já tinha conhecido várias namoradas minhas desde que eu tinha 15 anos, quando eu falei para ela que nós íamos nos casar, ela surtou. Na festa de casamento, ficou chorando. Não eram lágrimas de alegria, eram de desespero. Tipo assim: não tem mais como ocultar, não tem mais como esconder da família, das outras pessoas... Quando perguntarem “Quem é aquela menina?”, não dá mais para falar “Ah, é uma amiga da minha filha”. Não, não é uma amiga, é a sua esposa, sua mulher.

E se em algum momento nós passarmos por uma dificuldade de saúde, quem vai entrar no quarto do hospital, sem problemas, seremos nós. Não vai haver aquela situação constrangedora do tipo “Quem é você? Você não pode entrar porque não é da família.”

Isso mexe com a cabeça das pessoas. A sociedade é machista. É muito importante a gente lutar pela mudança. É uma mudança cultural. Mas também é preciso ser generoso quando se percebe que existe alguém que não entendeu ainda – porque a forma como reagimos é o que a pessoa vai tomar para se transformar, para sair daquilo ou para se apegar àquilo cada vez mais. Por isso é importante acolher o que o outro ainda não entendeu, o que ele precisa entender. Eu mesma, quando me descobri gay, levei um tempo para me aceitar; quando tive a primeira namorada, pensava “Eu não sou gay, sou hetero, mas ela é uma pessoa especial”. Depois fui percebendo que não era bem assim. Se você mesma leva um tempo para se aceitar, para entender o que está acontecendo, acho que tem que dar um tempo para as outras pessoas também, para elas verem que é uma coisa normal, que ser gay não é nenhum bicho de sete cabeças.





ADRIANA E TACIANA

Antes mesmo de registrar a união estável, já era estabelecido que a gente era um casal. A gente não namorou, nós nos casamos. Nos conhecemos no carnaval e ficamos juntas três dias; no quarto dia, quando ela ia embora, eu falei “Você quer casar comigo?”. Foi assim, de supetão. Eu não sabia se iria me arrepender depois, não sabia se ela iria aceitar, enfim... Ela me olhou e disse “Eu quero. Também não sei se vou me arrepender daqui a 15 dias, daqui a um mês, daqui a um ano...” E lá se vão 20 anos. Uma amiga que nos encontrou nesse dia, por acaso, jogando sinuca num bar, falou “Nossa, para uma quarta-feira de cinzas vocês estão com cara de terça-feira gorda!” E foi muito legal. A gente se casou e, logo, também nossas famílias se casaram. Todos os pais e irmãos, os meus e os dela, se dão muito bem. Desde pequenos, nossos sobrinhos e, mais recentemente, os sobrinhos-netos, frequentam nossa casa e convivem normalmente com o fato da tia Tá e tia Dri serem casadas.

Também entre os vizinhos, ou no trabalho, nunca nos faltaram aceitação nem acolhimento. Quando eu trabalhei numa escola estadual aqui no bairro, tive uma diretora que sonhava em conhecer minha casa. Isso ela só me confessou algum tempo depois que a convidei para um almoço. E ela disse “Adorei conhecer sua casa. Eu não imaginava que duas mulheres que vivem juntas tivessem uma casa tão bonitinha assim, com liquidificador, batedeira, tudo arrumadinho. Eu não fazia ideia que fosse uma casa tão normal”. As pessoas que nunca conviveram com isso fantasiavam muito a respeito e acabam criando alguns fantasmas.

Eu acho que a família é a coisa mais importante que a gente tem. E quando são cultivados esses valores fundamentais, como o respeito, a amizade, o companheirismo, a cumplicidade de qualquer forma, de pai com filho, de irmão com irmão, de mulher com marido, de mulher com mulher, de professor com aluno, enfim, em relações diversas, quando há respeito, quando isso atravessa toda a sua existência, acho que tudo flui melhor.

Acima de tudo, antes de ser um casal de mulheres ou um casal de homens, é um casal. Nós somos um casal de pessoas que se amam, independente do sexo, e que deu certo em sua relação. Nós aprendemos a nos amar com o tempo. Aprendemos a nos amar de verdade. Eu acho que os valores passados pelas nossas famílias foram essenciais nesse nosso caminhar. O mais importante é você ter respeito pelas pessoas, ter amor. Uma vez eu perguntei para o meu pai, que é a pessoa que mais importa para mim, se ele gostaria que eu fosse casada com um cara. Ele me disse “Eu te amo e quero sua felicidade”. Então, o mais importante é isto: se houver respeito e amizade, em qualquer tipo de relação, tudo flui normalmente.

ALEX E ZAL

Tenho uma teoria de que os gêneros vão acabar. Tem que acabar, não funciona, é isso que cria atrito, não dá para ser assim. Não dá para classificar as pessoas pelo sexo ou pelo tipo de desejo sexual porque ninguém é igual ao outro, em cada um isso é diferente. Como disse Drummond, todo ser humano é um estranho ímpar. E é verdade! Dentro do universo LGBT, cada vez mais colocam uma letrinha na sigla. Se formos separar todos os tipos, vai chegar uma hora em que vamos ter a quantidade de classes correspondente à quantidade de pessoas.

Eu busco me preservar, não levanto bandeira. Poucos sabem que sou casado com ele há tanto tempo. Quando a gente encontra alguém na rua, eu o apresento como Alexander, não ponho adjetivos, acho todos muito confusos.

“Companheiro” parece coisa de partido político. “Namorado”, já passamos dessa fase; “marido” a gente ainda não é, apesar de viver uma relação marital. Eu nunca sei exatamente o que falar, então o apresento só pelo nome também: “Este é o Zal”, para bom entendedor um pingo é “i”.

Temos planos de casar legalmente, sim. Quando a gente começou, ainda não existia essa possibilidade, nem vislumbrávamos isso. Hoje em dia existe, é certo fazer, é uma garantia que temos. Se não garantimos nossos direitos legalmente, somos atropelados. A gente sabe de diversas histórias de casamentos que não eram oficiais e, quando um morreu, o outro foi completamente hostilizado pela família, pelos interesses econômicos.

Preservar nosso lar também é uma maneira da gente se resguardar. A casa é um lugar bastante sagrado. Não é qualquer pessoa que vem aqui. Não que a gente vá fechar a casa, ficar encastelado, mas buscamos preservar um pouco essa energia. A gente trabalha muito, dez, doze horas por dia, então chegar em casa é ter tranquilidade, é tomar uma taça de vinho e relaxar, curtir o sossego do lar.

Logo no começo do namoro nós fomos agredidos em Ipanema. Era uma hora da manhã, a gente estava voltando para casa e viu uma galera do outro lado da rua. Uns três ou quatro atravessaram, um deles já chegou dando uma pezada no meu ombro. O outro deu um “telefone” no ouvido dele. Nós gritamos e um segurança e um porteiro vieram ajudar, acharam que era assalto ou coisa assim. Aí eles foram embora. Foi punk! Felizmente, essa foi a única vez. Logo depois eu me mudei de Ipanema porque as coisas estavam bem esquisitas. Existe uma fronteira ali, não é uma região tão *friendly* quanto pensam.

Fora esse episódio infeliz, socialmente, nós somos muito bem aceitos em todos os lugares, mas acho que isso também tem a ver com o fato de sermos bem-sucedidos. Se você não é bem-sucedido profissionalmente, financeiramente, sofre mais constrangimento, sofre mais preconceito. Isso é um fato, mas não devia ser assim. Falta saúde, educação... Mas falta respeito pela cidadania. São direitos de todo mundo, todos têm direito à liberdade, à igualdade – artigo 5º da Constituição.





LUIZ PAULO E DIOGO

Nunca nos separamos, mas também não fazemos da longevidade do relacionamento uma obrigação. O que sempre foi muito claro para nós é a vontade de estarmos juntos. Sabemos que não existe parceiro perfeito. Nós não nascemos um para o outro, a gente se escolheu.

Com o tempo, você introjeta o fato de que a sociedade te vê de forma negativa; em alguns momentos talvez nem veja, mas você tem essa sensação. A mentalidade está começando a mudar, mas não adianta querer chegar numa família tradicional, cristã, e empurrar quebras de paradigmas goela abaixo. É preciso tentar mudar o modo como eles enxergam a homossexualidade. Mostrar que a orientação sexual não define a pessoa em si. Escutamos coisas do tipo “Eu gosto do Luiz e do Diogo porque eles não são tão afeminados”. Aí você espera um pouco e fala: “Olha, tem gay que é afeminado, e não há problema nenhum nisso”. Poder desconstruir verdades sociais é uma oportunidade que você só tem porque conquistou aquele espaço. É como se fosse uma microrrevolução, um processo revolucionário cotidiano.

Tem aquela listinha, o “*check list gay*”: vai gostar de cabelo, de moda, de falar mal dos outros, fazer fofoca. Eu sou exatamente o oposto! Não gosto de moda nem de cabelo, não falo mal das pessoas, não sei nada sobre esse mundo dos famosos, não gosto de ver novela. E isso se relaciona com várias outras coisas da nossa sociedade. As pessoas esperam de um gay que ele consuma certas coisas, que se vista de certa forma, que aja de certa maneira, mas não é a nossa sexualidade que define o nosso gosto e o nosso comportamento.

A homofobia está se tornando velada, assim como aconteceu com o racismo. Isso é perigoso, porque a gente passou de uma etapa muito mais *hard* e está entrando numa mais *soft*, em que é mais difícil combater o preconceito. Algo parecido com o que acontece com as mulheres em relação ao machismo.

Recentemente um amigo nosso, de 24 anos, se matou. Desde que se assumiu, muito novo, sofreu muito preconceito, apanhou, foi humilhado. O pai dele era muito homofóbico. Depois, entrou num período de “aceitação”. Só que, muitas vezes, essa “aceitação”, essa tolerância, é ódio administrado, não tem nada de aceitação. Talvez o histórico de rejeição tenha influenciado no suicídio. Na época, ele foi à Vara da Infância e da Juventude reclamar do pai e a assistente social não sabia nem o que era homofobia. Muita coisa mudou nos últimos dez anos.

Há uma onda de ódio crescente que me preocupa muito. Nas redes sociais, as pessoas decidem que são juízes... Dói muito ligar a TV e ouvir um candidato à presidência falando que “ninguém reproduz pelo aparelho excretor”. Eu cancelei a assinatura do jornal porque esse tipo de coisa me incomodava, fazia mal, eu ficava deprimido. É muito chocante escutar alguém falando o que é uma família, e depois eu chegar em casa e olhar para mim e para o Diogo e pensar: como alguém pode dizer que isso não é uma família? Somos tão felizes juntos!

MARC E DANIEL

LOLA

Uma coisa que eu vejo é o preconceito do próprio gay, que quando se descobre gay, acha que não pode ter uma vida normal. Que tem que viver no gueto, se esconder. Acho isso muito venenoso. O legal deste projeto é fazer vir à tona a normalidade da nossa vida em família.

A gente já conviveu com vários gays que, quando souberam que temos uma filha de 12 anos, ficaram assustados. “Mas você tem uma filha, como assim?”. Parece quase de outro mundo. Os preconceitos da sociedade estão enraizados também na cultura dos gays, que acham que têm que viver isolados, nunca ter um namoro sério, jamais um casamento, e muito menos um filho. Nesse meio, os estereótipos se reforçam. Principalmente o gay masculino não se imagina tendo filho. Uma lésbica pode pensar nisso, ela pode gerar um filho. Um homem gay, por não poder gerar, nem pensa nessa possibilidade. Perdi amigos gays porque fiz uma adoção. Tive amigos que falaram “Você é louco!” e se afastaram mesmo de mim.

Eu nunca tive muito o hábito da vida noturna, de fazer programa tipicamente gay. Eu nem gosto de programa gay, eu gosto de programa bom. Eu gosto de gente, não de um só gênero. Eu confronto até hoje alguns amigos sobre isso. Às vezes, quando convido “vamos a uma festa?”, a primeira pergunta que fazem é se a festa é gay. O que importa se é uma festa gay? É uma festa de gente, gente feliz. Parece até um medo do tipo “eu posso sofrer alguma retaliação se estiver num ambiente onde não sou aceito”. Mas, na verdade, se a gente não se coloca com respeito e dignidade em todos os ambientes, não seremos aceitos em lugar nenhum, sendo gay, sendo hetero ou não sendo nada. Eu defendo a dignidade, defendo que tenho o direito de ser feliz como qualquer outra pessoa, independente das minhas escolhas.

Tem quem fale que eu sou quase um gay homofóbico. Eu respondo: “Homofóbicos são vocês, com vocês mesmos!”. Sabe aquele tipo que se faz passar por bofe? E quando você pergunta por que ele age assim, ele diz “Ah, porque assim você pega mais caras”. Hããã?! Aí você percebe uma fala que ainda é enraizada no preconceito, enraizada no machismo, no paternalismo, do pai, do avô, e também da mãe e da avó passivas, submissas, da mulher submissa. Eu fico apavorado quando vejo esse tipo de coisa. Acho muito doido, não entendo. Mas também evito fazer julgamentos sobre as pessoas que têm esse preconceito ainda tão potente na vida delas, mesmo sendo gays. É difícil, a gente não sabe a história delas, o quanto precisaram dessa posição de defesa, de ter que ter armaduras e tudo o mais.

Já eu não tive esses problemas, desde muito novo me aceitei, foi natural. Por isso eu fico muito assombrado, até pela potência negativa que esse tipo de coisa tem, de você não se aceitar, de não se assumir, seja no que for – não importa a escolha que você faça.





LUCIANE E ELIS

Para mim não foi muito complicado porque eu transitava entre relações com homens e com mulheres. O mais engraçado é que a primeira situação de preconceito que tive de enfrentar não foi em relação ao fato de sair com mulheres, mas de ter homens também. As meninas gays falavam assim: “Por que você está saindo com homens, se já sai com mulheres?”.

Eu nunca gostei de misturar o espaço profissional com o que acontecia na minha vida pessoal. Acho que são coisas que não precisam se misturar, embora ambas façam parte da sua vida. Se alguém do trabalho perguntar se você é gay, por que colocar isso debaixo do tapete? Não é um processo simples para ninguém, porque a gente vive numa sociedade conservadora. Há pequenos nichos onde você pode viver sua sexualidade com tranquilidade, mas isso não é a regra social. Mesmo sabendo que não é fácil, acho que é preciso dar visibilidade, senão vai ser sempre uma coisa escondida e essa condição de não visibilidade é que gera mais preconceito. Imagino que possa ser mais simples para essa geração atual de adolescentes, que coloca na internet fotos com namorados e namoradas já no início da descoberta de sua sexualidade.

Eu vim a ter contato mais profundo com o Brasil há pouco tempo, num trabalho com trabalhadoras rurais integrantes de um movimento feminista no Nordeste. Nós as ensinamos a filmar para que elas mesmas pudessem mostrar seu movimento e contar sua história. Aí tive chance de descobrir a intensidade com que as coisas estão rolando no país. Conheci mulheres que vivem em lugares pequeninhos e que têm uma militância feminista, estão discutindo gênero, discutindo sexualidade. Trabalhadoras rurais que são gays, estão conectadas à internet, usam WhatsApp para se mobilizarem, usam as redes sociais para fazerem manifestações públicas... Isso é incrível, porque quando se fica neste circuito mais urbano, você pensa que tudo está acontecendo só nas cidades, especialmente nas cidades grandes, e na verdade nós temos um país em que as coisas estão rolando nos lugares mais distantes... Isso também tem pouca visibilidade.

Agora elas vão fazer uma das maiores marchas do país, que é a Marcha das Margaridas. Milhares de mulheres em Brasília, vindas do país inteiro. É um movimento feminista que abarca vários temas: violência contra as mulheres, educação política, as questões de gênero, e aí entra a questão da homossexualidade também. Quando uma mulher sai da sua região para ir para o encontro do MMTR, que é o Movimento de Mulheres Trabalhadoras Rurais do Nordeste, na comunidade dela os vizinhos costumam perguntar “Mas como assim, você vai deixar seu marido, seus filhos, para ir a um encontro feminista? Vai fazer o quê lá? Vai deixar de trabalhar e ir se divertir com outras mulheres?”. Aquela visão clássica e preconceituosa que se tem do movimento feminista.

Eu me dei conta de que era gay aos 21 anos. Fiz 50 agora. Nunca militei. O máximo que fiz foi brigar por direitos iguais no trabalho. Trabalhei muitos anos numa companhia aérea. Nessa época eu era casada com uma mulher que começou a trabalhar lá também. A empresa permitia que funcionários casados tivessem direito às mesmas escalas, mas não os casais homossexuais. No início, até conseguíamos conversar com o setor de escalas para nos dar escalas casadas na base da camaradagem. Depois, devido ao meu envolvimento na liderança de um grupo de funcionários com reivindicações, a chefia mandou separar nossas escalas. Fizemos, de propósito, uma escala totalmente oposta. Ficamos 60 dias sem nos ver; quando eu estava num lado do planeta, ela era mandada para o outro. O desfecho da história foi que eu entrei na luta junto com outros colegas e criamos um problema tão grande na empresa que acabamos conseguindo mudar o regulamento e obter o mesmo direito.

Agora, com o famigerado Estatuto da Família, entrei na militância para valer: faço parte do grupo fundador da Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas (ABRAFH). Se há quem pense que todo esse projeto de poder só vai mexer com o pessoal LGBTI, saiba que não. Isso é um projeto que pode mais tarde virar uma coisa parecida com a Alemanha da década de 30, e quando nos dermos conta, não haverá mais o que fazer. Olha o que o fundamentalismo está fazendo! Isso é ruim em qualquer religião. Religião é amor, não é discurso de ódio. Religião é dentro do templo, do terreiro, da igreja, é uma escolha. Orientação sexual *não* é escolha. Pecado é uma coisa da religião, lei é uma coisa do Estado, da constituição, e é para todos.

As pessoas reclamam muito. Nas redes sociais, por exemplo, elas gostam de falar “Isso está errado!”, “Isso tem que ser feito!”. Mas só é feito se alguém fizer. E, para alguém fazer, as pessoas têm que trabalhar juntas para ter uma força coletiva. Em geral as pessoas têm medo. Quando há alguém ali na frente botando a cara a tapa, muitos só sabem criticar. Certa vez, em um seminário, eu disse: “Gente, não se escondam! Se vocês têm esse direito, por que fazem isso?”. Aí alguém na plateia falou: “Ah, para você é fácil, pois você é branca, teve acesso à educação e tem uma família de loiros”. Então, a Viviane Mosé, filósofa, que nem é gay, pediu o microfone e deixou um recado claro: “Vocês estão discutindo quem é mais ou menos privilegiado? Somos todos desprivilegiados aqui. O pessoal lá fora que está nos criticando está muito bem organizado! Vocês vão querer criar racha aqui dentro?”. O tema do seminário era “Mais amor, por favor”, e as pessoas queriam discutir quem é cis, quem é trans, quem é pobre...

Nós queremos parar de dividir quem é hetero, quem é homo, quem é branco, quem é preto... Não que a gente não reconheça a pluralidade (viva a diferença!); somos todos diferentes, olha que bacana! E é por isso que ninguém é melhor que ninguém.

LETÍCIA E ANA

ANDRÉ HENRIQUE
ANNA LAURA





CLÁUDIA E VIRGÍNIA

PEDRO AUGUSTO

Desde o início da nossa relação, a Cláudia deixou claro que queria muito ter um filho. E, quando chegou a hora de levar o assunto mais a sério, começamos a planejar: ter uma casa mais adequada, com espaço para a criança brincar, fazer uma poupança, registrar o pacto de união estável (na época ainda não era legalmente reconhecido como núcleo familiar, mas mesmo assim fizemos questão de fazer).

Quando decidimos entrar com o processo de habilitação para adoção, foi muito difícil, simplesmente não andava; demorou um ano para conseguirmos dar entrada, mesmo com ajuda de uma advogada. Quando finalmente começou a andar, foi muito burocrático. Tínhamos que apresentar documentos sem fim, de comprovantes de emprego e união duradoura a atestados de saúde física e mental. Mas, como já tínhamos tudo planejado, conseguimos levantar a papelada sem dificuldades. Para os padrões brasileiros, até que o processo se desenrolou rápido: ao final de dois anos e meio, o Pedro Augusto chegou.

Nós o encontramos com 20 dias de vida, dormindo no berçário da vara de infância. Ele tinha um sinal bem no meio da testa (hoje já desapareceu), brincamos que ele veio com o sinal para que pudéssemos encontrá-lo. E essa acabou virando a sua história de origem; quando ele nos perguntou pela primeira vez de que barriga ele nasceu, contamos que, como não podíamos ter filhos da nossa própria barriga, ele achou uma forma de vir e nos avisar: arranjou uma barriga emprestada e veio com um sinal para que pudéssemos reconhecê-lo. Ele veio logo para casa, mas ainda precisamos de mais dois anos para concluir o processo de adoção e para conseguir a certidão de nascimento com nossos nomes. Só então relaxamos, porque a situação da guarda provisória é muito angustiante. Imagina essa criança que você já ama, para quem você e sua família são a única referência, mas ainda há o risco de alguém chegar e tirá-la de você... Só quando saiu a guarda definitiva foi que ficamos em paz.

Nunca tivemos dificuldade de assumir nossa relação publicamente. Em primeiro lugar porque nos conhecemos numa idade mais madura, em que se esconder já não fazia mais sentido. Depois porque, quando você tem filho, isso se torna ainda mais necessário. Você tem que ter segurança e tem que passar essa segurança para ele. Talvez algum dia ele também venha a sofrer algum preconceito. Como você vai poder ensinar valores para o seu filho se você vive uma vida falsa? Então, isso era uma condição *sine qua non* para nós.

No ambiente profissional, acho que tivemos sorte de trabalhar em multinacionais, que estão muito à frente das empresas brasileiras em relação a proteção e benefícios no campo da diversidade. A empresa da Cláudia foi pioneira na implantação desse tipo de programa no Brasil. Quando o Pedro Augusto chegou, já no dia seguinte conseguimos a licença maternidade e ele foi cadastrado para ter os benefícios antes mesmo de sair a guarda definitiva.

XAN E VITOR

Por mais que isso possa ter sido um problema para a minha geração, me assumir gay nunca foi uma questão para mim. Tive pais muito amorosos, muito próximos. Estudei Comunicação, eu era um “bicho grilo”, então podia estar com garotos, com garotas... Eu apresentava todos para a família, sem o menor problema, e eles os recebiam com carinho e acolhimento. Sempre foi uma coisa natural.

Eu vivi isso na década de 80, no interior de São Paulo, numa cidadezinha muito pequena. Certa vez, muitos anos depois de ter saído de lá, voltamos eu e Alexandre para visitar a família e fomos à casa da Dona Maria, mãe da menina que cuidava de mim. Ela perguntou: “Esse é o seu companheiro?”. Ela usou essa expressão. Nós ficamos surpresos, era uma senhora de quase setenta anos. Que sabedoria! A gente não pode julgar nem subestimar ninguém. Às vezes, mesmo num ambiente cultural ultraconservador, há pessoas com outra visão de mundo.

Muitas vezes o preconceito está no próprio gay, na forma como ele se vê, como se coloca. Se você age com naturalidade, dependendo da forma como você fala de uma pessoa que ama, se você se coloca de forma amorosa, não tem como não ser bom. Nós temos uma participação direta na maneira como os outros nos acolhem. E tem que ser verdadeiro. Se não assumir seu parceiro dentro de você, como irá apresentá-lo para outra pessoa? É simples assim. Qualquer pessoa que goste de você terá capacidade para compreender isso. É como se dissesse “Ah, tá, então é essa pessoa que te faz feliz? Então ela é bem-vinda”.

De minha parte, eu sempre tive muito clara a minha condição homossexual, politicamente, socialmente, no trabalho... Antes de qualquer coisa tem que haver respeito, respeito pelo ser humano, independente de suas escolhas relacionadas a sexo, política e religião. E se você não estiver tranquilo com o seu tesão, sua vida, nada vale. Precisa estar inteiro: política, sexualidade, amor, trabalho, tudo junto. Eu sempre vivi politicamente. Digo isso porque acho que a gente tem que exercer nossa cidadania afirmando nossa sexualidade, as nossas escolhas amorosas. No trabalho, a gente tem que falar da nossa condição, sim. Na rua, passeando com seu cachorro, você tem que falar da sua condição, sim. Não é levantar bandeira, “Eu sou gay!”, mas “Oi, prazer, esse aqui é meu companheiro Vitor”, como qualquer hetero faria. Eu ser gay está em segundo plano, não importa. Importa que estou apresentando a pessoa que eu amo para mim mesmo, antes de apresentar para qualquer outro. Essa é uma conquista de todos nós. E precisa ser exercitada diariamente, independente de idade ou geração. Conquistei essa consciência aos 13 anos, quando me descobri gay, mas eu nunca fiz disso um problema. Se não for natural, vira um fantasma na sua vida, você não consegue viver inteiro.





ROBERTA E GISA

Nós nunca colocamos as coisas de forma rotulada: “É um casal gay, não é um casal gay”, não existe isso. A resposta que a gente dá para a sociedade são as nossas atitudes. Quase todo mundo acha que gay é à margem da sociedade, meio delinquente, drogado, corrupto, depravado, promíscuo, não sei mais o quê. Aí, de repente, vê duas pessoas caretas, que trabalham à beça, e não entende nada.

A gente acorda todo dia às cinco, seis horas da manhã, ganha nosso sustento, vive conforme nossas condições; o que conseguimos na vida foi porque batalhamos para ter e continuamos batalhando para melhorar mais ainda. E é isso. Essa é a resposta. É assim que a gente responde: com atitude. Enquanto o outro acha que eu sou uma depravada, uma promíscua, eu estou trabalhando, vivendo minha vida.

Mas tem coisas que me incomodam. As pessoas, quando olham um casal heterossexual, em geral não pensam como eles fazem sexo. Mas quando é um casal homossexual, a primeira coisa que vem à cabeça é a configuração na cama, tipo “quem é o homem, quem é a mulher”. Elas precisam perguntar “E aí, quem é o ativo? Quem é o passivo?”. O quê?! Não sei nem o que é isso! Já ouvi essa pergunta algumas vezes, inclusive na minha própria família, e acho grosseiro demais, no mínimo indiscreto. Como se só existisse isso, homem ativo / mulher passiva. Que falta de criatividade!

No casamento da minha irmã, nós entramos juntas como madrinhas. Houve certa tensão... A cerimonialista, incomodadíssima, queria até o último momento trocar os pares, pegar os primos. No final, eu já quase me dando por vencida, o noivo teve um ataque: “Vocês são nossas madrinhas e vão entrar juntas!”. E foi a primeira vez de verdade que aparecemos juntas para a família inteira, como um casal, não apenas como duas pessoas que moram juntas e que podem ser amigas. Foi um reconhecimento oficial, mesmo.

Quando recebi o convite para participar do *Nomes do Amor*, cogitei a hipótese de não participar por receio do que as pessoas diriam, que tipo de conceito, de preconceito, elas poderiam ter sobre nós. Mas, ao mesmo tempo, fiquei pensando que isso não poderia ser mais forte do que a minha personalidade, do que a minha vontade, a minha vida. Eu não estou fazendo nada de errado, muito pelo contrário. Estou trabalhando de forma digna e afirmando valores, coisas que eu acredito que sejam fundamentais para a construção de uma sociedade justa, com mais educação e cidadania.

Essa coisa de rótulo tem que terminar. Estamos falando de preconceito contra o gay, mas também contra o bi, contra o negro, contra o índio... Você tem que olhar para o ser humano como uma pessoa, olhar os valores morais dele, o que ele faz, o que acrescenta. Acho que nossa luta é única, é por direitos humanos. Somos todos iguais.

Eu tive muito problema para me assumir gay, demorei bastante. Eu era muito preconceituosa. Achava que estava errada, no ambiente errado, mas não sabia o que era. Eu tentava me relacionar com homens, mas nunca estava feliz. Achava que o problema era das pessoas, das relações, que eu não conseguia me expressar direito. Aí, quando consegui me aceitar como homossexual, já com mais de 20 anos, as coisas começaram a fluir e eu entendi tudo.

Na família havia casos de pessoas mais velhas que eram gays e eu cresci ouvindo “Ah, coitado, ele deve sofrer muito”. Havia essa ideia de que o gay sofria muito por causa do preconceito, por ter que viver escondido etc. Hoje eu digo: sim, sofre muito quem não sai do armário – porque depois que a gente consegue viver isso com tranquilidade, acaba o sofrimento.

Sei que o bloqueio era meu, mesmo, pois meus pais nunca tiveram problema com isso e me acolheram superbem. O que ajudou foi eu ter me mudado de cidade, de estado, eu me tolhia muito enquanto estava no meu ambiente de origem. Quando saí daqui para estudar num lugar onde não conhecia ninguém, vivi aquela sensação de poder me transformar em quem eu quisesse ser. Depois de cinco anos, voltei para Niterói e comecei a fazer amizades com pessoas como eu. Inclusive minha mãe teve um papel primordial nessa história: foi ela que me apresentou à filha de uma amiga dela, que eu comecei a namorar e que, por sua vez, me apresentou a um monte de gente com quem fiz amizade e, assim, acabei conseguindo me inserir socialmente.

Já no meu caso, eu sempre soube que era gay. Vivi minha adolescência em Niterói sem nenhum senso de pertencimento a nenhum grupo. Foi tenebroso, eu vivia muito sozinha o tempo todo. Comecei a me envolver com música, teatro, gostava de ler e queria ampliar minha visão de mundo. Quando eu tinha 17, 18 anos, estava fazendo pré-vestibular e me mudei para o Rio com a minha irmã. Foi no curso de teatro que comecei a viver minha vida gay. Uma menina me falou assim: “Cara, eu fico com quem eu quero, eu não sou gay, não sou hetero, fico com quem estou a fim. Vambora, faz o que você quiser!”. Foi um ano intenso e de muita libertação.

Acho que nós nascemos para ser uma família. Depois que nos conhecemos, no início de 2013, a vida começou a fluir melhor. Tudo aconteceu muito rápido e sem nenhum tipo de complicação: nos estudos, no trabalho, na mudança de casa, no processo de ter filhos. As meninas, Olívia e Helena, nasceram exatamente um ano depois da nossa primeira consulta para fazer o tratamento de fertilização. Às vezes eu vejo alguns casais comentando sobre a mudança de vida depois que têm filhos, do tipo “ah, mas eu não posso mais fazer isso, não posso mais fazer aquilo...”. Eu não tenho saudade nenhuma de não poder fazer nada. A gente sabe que vai ter que se privar de um monte de coisas, mas a gente quis muito viver isso, foi o que planejamos para nossa vida.

ROBERTA E
JULIANA

OLÍVIA
HELENA





ELLEN E KARIN

JOÃO
VICENTE

Com a gente aconteceu de forma tão natural que, na escola, quando perguntavam, meu irmão dizia “Ah, minha mãe? Ela namora a Kaká!”, daí eu o apertava e ele logo falava “O que é, João? É isso mesmo!”. Eu ficava com raiva, meio tenso, mas nunca sofri zoação de amigos, todo mundo encarou numa boa. Hoje em dia, quando me perguntam, eu falo que tenho duas mães. E as pessoas acham que a minha família vai ser uma coisa diferente e eu digo que não, que é a mesma coisa. A gente almoça, toma café, conversa, briga, faz tudo. É um preconceito da sociedade pensar que, porque alguém tem duas mães, então a família dele é diferente. Não tem diferença nenhuma. Deveria ser algo mais natural, porque para nós é totalmente natural.

Quando me separei do pai deles, fui à escola falar direto com as coordenadoras, elas acompanharam a separação. Foram pessoas incríveis que nos ajudaram muito. Quando eu fui lá, seis, sete anos depois, para dizer que estava casada, elas vibraram: “Quem é ele?”. Aí eu falei: “É exatamente isso, vim conversar com vocês porque não é ele, é ela, é a minha mulher, a Karin; mas pode ficar tranquila, não estou traumatizada, vou trazer ela aqui, ela é minha mulher, e não quero nenhum tratamento diferente com os meninos”.

Uma coisa que as pessoas costumam falar da gente é que somos uma “família exemplo”. Nós rimos, mas isso é muito em função da nossa postura; sem hipervalorizar o fato de sermos uma família “não padrão”, mas também sem tirar o valor disso. Temos a mesma estrutura familiar, no sentido da divisão de tarefas na casa, do espaço de colocação nos diálogos. Há espaço para cada um ser o que é. Temos nossos problemas, claro, como todas as outras famílias. Mas acho que faz diferença na hora que você se coloca: essa aqui é a Ellen, minha esposa, esses aqui são João e Vicente, filhos da Ellen, meus enteados – eu nem gosto dessa palavra, mas sei que esse é um lugar diferente, porque não é o lugar da mãe, nem do pai. É um terceiro lugar, que tem outra ação, de reforço. Essas funções são bem entendidas entre nós.

Há pouco tempo nós fomos ao aniversário de uma amiga que é gay e, na festa, havia várias mulheres. Era um jantarzinho íntimo, umas dez pessoas. Uma delas é casada com uma mulher há nove anos, a mulher dela também foi casada com homem, mas os filhos – uma menina de 14 anos e um menino de 11 – não sabem que elas são casadas. Moram na mesma casa, nesse mesmo esquema, vão para a casa do pai, voltam... Bem, elas pensam que não, mas com certeza eles sabem. Elas só não falam a respeito. Eu perguntei “Como assim, vocês não falam?”. Ela respondeu: “Eu não sei. É complicado”. Eu cheguei a dizer “Sai daqui hoje e conversa com sua mulher. Porque daqui a pouco eles vão saber, e vão ficar revoltadíssimos.” Eu converso sobre isso com meus filhos com o maior orgulho, eles têm a maior sorte de ter duas mães.

MARAH E SAMANTA

Eu enfrentei algumas dificuldades no ambiente familiar. Aconteceu há bastante tempo, eu tinha 17 anos, hoje tenho 36. Imagina isso há décadas, a discussão ainda era muito embrionária. Minha mãe achou uma cartinha da namorada que era uma suposta amiga e pirou, enlouqueceu. Ainda havia aquela relação de dependência, eu morava com meus pais. Ela ficou uns três meses no luto, desesperada. Mas tive o apoio da minha família, uma tia que era lésbica também ajudou muito. Consegui assim, no diálogo, na conversa, porque minha mãe era muito liberal para lidar com outras pessoas, com o vizinho que era gay, a irmã dela, com eles não havia nenhum problema, mas quando ela descobriu que a própria filha era lésbica, ficou desesperada.

Já eu nunca tive dificuldade alguma porque, na fase da minha vida em que me assumi gay, já estava muito bem resolvida, não devia satisfação a ninguém, já era livre. Eu tinha 29 anos e estava tão feliz com aquilo que pouco me importava com o que as pessoas iriam falar. Minha felicidade estava acima de qualquer coisa. Conte para a família inteira e todo mundo achou aquilo legal, divertido, louco. Nunca precisei esconder, apenas dei a notícia para cada pessoa em seu momento, porque entendo que há um desafio a vencer. E entendo a importância de ocupar nosso lugar, nosso espaço nesta sociedade que é ainda tão preconceituosa. É uma luta, mas é uma vitória também. Só de eu poder andar com ela de mãos dadas na rua já é uma vitória, mesmo sabendo que de repente pode aparecer alguém para nos insultar.

Parte desses conflitos existe porque essas famílias, como a mãe da Samantha e outras mães de amigas que acompanhei, não tiveram uma educação sexual. Os pais deles não disseram “Olha, você pode casar com um homem ou, se quiser, também pode casar com uma mulher, ou...”. Não, eles não foram preparados para isso. Em uma cultura muito católica, boa parte das famílias foi educada num regime que diz que a mulher é para servir o homem. Muitas pessoas sofrem com suas mães e pais por questão de aceitação, mas a culpa não é deles. Eles apenas não foram orientados. Na cabeça deles, o que está certo é o que foi dito na igreja, na escola, dentro de casa. Eu penso que esse tipo de sofrimento vai se diluir com o tempo. Já tem uma nova geração de pais que orientam seus filhos de forma diferente, já existem novas famílias surgindo, está cada vez mais claro este resgate em ser e assumir aquilo que você é. Este sofrimento tem data para acabar, é um processo que está acelerado.

Tem coisas que passam como sendo utopia. Utopia não é uma forma de se iludir, mas sim “o que há a se conquistar”. Há muitos anos, quando a gente falava de a família entender, compreender, as pessoas diziam “Mas isso é utopia, você está sonhando com algo que não vai existir”. E olha aí a utopia virando realidade. O utópico é o que eu sonho e posso tornar realidade. É o que nos põe em movimento.





THE BEST THINGS IN LIFE ARE FREE
SIMPLY BECAUSE THEY ARE

FAMILY

A TRUE
LOVE
STORY
NEVER
ENDS

at the
SS
TE

HAPPY
IS WHAT HAPPENS
When
ALL YOUR
DREAMS
COME TRUE

MOISÉS E HUGO

Aos 19 anos eu tive meu primeiro contato com um homem, um cara mais velho, na época ele devia ter mais ou menos uns 35 anos. Tive sorte de ter tido esse encontro, me despertou, comecei a entender o que eu era. Foi uma pessoa muito positiva, muito do bem, já bem resolvido; ele conversou muito comigo e me passou um pouco a sua experiência: “Você vai passar por várias etapas, os seus medos, os medos da sua família, o medo dos amigos e o preconceito”. Medo do que é, do que você é, e medo de ser rejeitado... Uma coisa é você aprender a viver só por um tempo, estar só e não depender de viver ao lado de ninguém. Outra coisa é ser rejeitado, é você não ter nada.

Tenho histórias de amigos que foram vitimados, perdi amigos no Recife assassinados pelo fato de serem gays. Tive um namorado que os próprios pais tentaram matar na calada da noite porque descobriram que ele era gay, um jovem de 16 anos! Essas histórias de violência, a gente escuta e vivencia muitas. Acho que dei sorte, pois só encontrei pessoas do bem na minha vida, que mostraram que estamos aqui para viver igualmente, no mesmo espaço, sem manchas, sem diferenças, isso é que é o importante, e eu consegui viver assim até agora.

Já eu comecei a viver minha homossexualidade depois que cheguei ao Rio. Eu experimentei um pouco aquela sensação do anonimato, aquela cidade tão grande, com tantas pessoas tão diferentes entre si, eu me senti “mais um”. Era bom, queria fazer coisas que nunca tinha feito – não que antes eu sentisse necessidade de fazer, até porque as minhas relações com namoradas em Macaé sempre foram muito verdadeiras, mas quando vim para o Rio descobri um novo mundo. Foi quando tive a oportunidade de vivenciar ambientes como boates, festas, bares, tudo voltado para o público LGBT. E aquilo me despertou tanto calor, interesse, motivação...

Na primeira vez que fui a uma boate gay, estava tão desesperado para saber como seria, o que ia encontrar, que na tarde do dia anterior vi todos os possíveis itinerários de ônibus e fui lá, depois fiz o trajeto inverso para casa. Eu tinha tudo na cabeça e anotado num papel, e quando chegou a noite, em frente à boate, já vi homens se beijando, o coração disparou. Eu tinha medo de estar ali, mas esse medo, em contrapartida, era excitante. Não virei rato de boate nem nada, mas acho que foi o primeiro momento que me permitiu realmente ir mais fundo naquilo que eu gostaria de experimentar. Descobri que, na verdade, esse desejo já vinha aflorando aos poucos, sem que eu tivesse percebido antes.

Quando eu realmente vi que era gay, não tive mais nada com mulher, as meninas não me despertavam mais interesse, eu só tinha prazer com outro homem. Mas sempre fui muito autossuficiente, calado, reservado. Meus namoros não duravam muito tempo. Depois que eu encontrei o Hugo, um mundo se abriu à minha frente, um mundo de entrega, amor e confiança.

BETO E CLÁUDIO

Nunca houve, da nossa parte, essa visão de que somos um casal homoafetivo. É tão normal gostar, amar, é tão natural que não cabe tachar. Não é um "amor homoafetivo", é "amor". Não desmerecendo a importância de se falar sobre este assunto, a gente acha que vivendo e demonstrando nosso relacionamento, automaticamente estamos contribuindo para que a coisa seja encarada de forma natural.

Nossas famílias também assimilaram isso muito bem. A princípio era só com respeito, "O mundo é deles, vamos respeitar". Hoje já são mais participativos, já estão entrando no nosso mundo.

A rede social é, sem dúvida, um grande facilitador. Ali a gente se apresenta sempre juntos, na maioria das coisas que a gente faz, em eventos, e o pessoal comenta "Ah, adoro o casal", "Amo esse casal". Quer dizer, já está oficializado ali também. Eu até fico admirado quando estou em algum evento e tantas pessoas diferentes vêm falar com a gente, pessoas que nos enxergam e nos aceitam como casal, mesmo. E isso acontece de uma forma normal, tranquila, sem que a gente tenha que chegar e falar "somos isso", "somos aquilo".

Sou muito grato por vivermos nesta época. Tenho mais de 50 anos, e quando era adolescente, eu via como os gays adultos viviam, era mais sofrido, muito pouco à vontade, porque naquela época as pessoas eram muito mais intolerantes. Hoje, a coisa está sempre em discussão. Há muito que trilhar ainda, muito a conquistar, mas só o fato de estar aí em ebulição já é formidável. "Ah, eu não aceito!". Ótimo, agora pelo menos a gente sabe quem são os que não aceitam, quem são os intolerantes e os que toleram, está todo mundo se expondo, mostrando o que pensa. Isso é muito positivo, sabemos dos prós e dos contras. Hoje, o homossexual está conseguindo conquistar mais o seu espaço. Acho essa época muito boa, e a tendência é melhorar.

Eu tenho dois irmãos mais velhos que também são gays. Quando eu e o Beto resolvemos morar juntos, eles já tinham seus namorados, mas era uma coisa muito velada, que eles segredavam. Depois que o meu relacionamento começou a fluir mais abertamente, houve um encorajamento recíproco, a gente começou a ter mais interação, a família toda passou a ter mais convivência. Todos ficaram mais leves... Acho que quando as pessoas se assumem, tudo fica mais fácil.

É o que falei, somos tão bem resolvidos socialmente que as pessoas percebem e pensam "Nossa, por que não ser assim? Por que eu sou o contrário?" Vamos continuar vivendo bem na nossa relação e vamos ver o que vai rolar, o que vai dar. Quem se inspirar, achar incrível, ótimo! Até um casal heterossexual, mesmo. Temos um amigo hetero que fala "Eu já casei cinco vezes e vocês continuam casados. Qual é o segredo?". A gente acha graça, mas a verdade é que não tem segredo nenhum.





DALIA E
EVA

TATÁ
GEFFINHO
DAISA
THAMARA

Quando resolvemos ficar juntas, nunca tivemos oposição da família nem de amigos. Aqui no bairro todos nos conhecem e sabem que somos gays, na escola, no trabalho, nossa vida é bem tranquila. O único preconceito que a gente sofreu, por incrível que pareça, foi quando fomos dar entrada no pedido de casamento, em 2013. Ali, sim, houve preconceito, o juiz negou nosso pedido, tivemos que entrar com recurso, um mandato de segurança. O processo levou um ano até conseguirmos autorização para casar, sendo que já estávamos juntas há 18 anos.

O preconceito que eu sofri a minha vida inteira foi o de cor. Esse chega primeiro, porque a cor aparece antes da orientação sexual.

Nossa primeira filha chegou com cinco anos. Um tempo depois, chegou a segunda, com 12. Agora estão chegando mais dois, nossos sobrinhos que ficaram órfãos de mãe, e a família que antes era só de duas pessoas, hoje está com seis.

Nós nos casamos no civil e na igreja no mesmo ato. Somos católicas, nossas filhas fizeram a primeira comunhão este ano, mas resolvemos casar numa igreja evangélica, a Igreja Cristã Contemporânea, dos pastores Marcos Gladstone e Fábio Inácio, que também são casados, têm dois meninos e são bem engajados. Fomos informadas de que o nosso foi o primeiro casamento gay no civil e no religioso ao mesmo tempo.

Os direitos das famílias homoafetivas estão caminhando muito devagar, mas estão caminhando. Hoje é possível casar, adotar em conjunto, colocar sua mulher ou marido no plano de saúde, na previdência privada, fazer uma conta corrente conjunta, um seguro de vida. É claro que a lei ainda tem muito que melhorar, mas com a bancada que a gente tem lá... Eu não chamo de bancada evangélica, chamo de bancada retardada. Com aquela bancada, não vamos avançar, e na última eleição, para meu desespero, eles aumentaram. O Legislativo está quase virando um Estado islâmico com esse pessoal de cabecinha fechada, mas como nós somos uma realidade, eles estão com problemas!

O maior medo deles não são os casamentos, são as adoções. Eles se incomodam é com as crianças dos lares gays, porque elas vão se tornar adultos que sabem respeitar o diferente, o direito de todos numa sociedade; o padrão de comportamento vai começar a mudar. Minhas filhas defendem tranquilamente as famílias gays, não só porque elas são parte de uma, como também porque conhecem outras famílias. A Thamara passou por uma situação na escola recentemente: a professora ia explicar sobre reprodução humana e teve a infelicidade de falar das famílias homoafetivas. Como ela me acompanha em palestras, conhece o assunto, falou: "Professora, realmente, duas mulheres, dois homens não podem ter filhos, mas eles merecem respeito. As minhas mães merecem respeito. Respeite a minha família e a das amigas das minhas mães. Eles não podem gerar, mas podem inseminar e podem adotar". A turma inteira aplaudiu a garota, quer dizer, eles estão aprendendo.



Vladimir Menezes Vieira (professor universitário) e Roberto Moschen Junior (gerente de logística), juntos desde 2013.



Bianca Repsold (publicitária) e Renata Ribeiro (jornalista), juntas desde 2001.



Alfredo Assunção (administrador, doutorando em psicologia) e Pedro Paulo Bicalho (psicólogo, professor universitário), juntos desde 2011.



Rodrigo de Mello (corretor de imóveis) e Gilberto Scofield Junior (jornalista), juntos desde 2002.



Matheus Freitas (designer) e Livio Mendes (editor e cinegrafista), juntos de 2009 a 2015.



Weykman Padinho (contador) e Rogério Koscheck (auditor fiscal), juntos desde 2007.



Joana Couto (artista visual) e Ique Hillesheim (estudante de Serviço Social e Ballet Clássico), juntos desde 2012.



Laura Castro (atriz) e Marta Nobrega (atriz), juntas desde 2000.



Kika Motta (artista) e Carol Machado (atriz), juntas desde 2007.



Claudia Holanda (artista, jornalista, pesquisadora em som e música) e Flavia Meireles (artista, professora e pesquisadora em dança), juntas desde 2011.



Léa Carvalho (professora e produtora editorial) e Maria Luiza Santos (designer gráfico), juntas desde 1998.



Jaqueline Vasconcellos Carvalho (atriz) e Joana Vasconcellos Carvalho (professora de educação física), juntas desde 2013.



Robson Cruz (antropólogo e psicanalista) e Steve Berg (tradutor e cineasta), juntos desde 2002.



Adriana Cardoso (professora) e Taciana Tavares (advogada), juntas desde 1996.



Alexander Sirotheau (arquiteto) e Zalboeno Lins (jornalista), juntos desde 2003.



Roberta Macedo (gerente de projetos socioculturais) e Gisa Colombo (arquiteta), juntas desde 2000.



Luiz Paulo Labrego (professor) e Diogo Matos (economista), juntos desde 2002.



Roberta Santiago (jornalista) e Juliana Guimarães (zootecnista), juntas desde 2013.



Marc Kraus (artista visual) e Daniel Wagner (maquiador), juntos desde 2010.



Ellen Miranda (coordenadora de loja) e Karin Palhano (designer), juntas desde 2005.



Luciane Quoos Conte (matemática) e Elis Galvão (socióloga), juntas desde 2007.



Marah Silva (estilista) e Samanta Guedes (assistente social), juntas desde 2010.



Letícia Flohr (engenheira ambiental) e Ana Lodi (empresária), juntas desde 2014.



Moisés Pires (dentista) e Hugo Pinheiro (servidor público), juntos desde 2004.



Cláudia Nunes (analista de sistemas) e Virgínia Almeida (psicóloga), juntas desde 2003.



Beto Silva (comerciante) e Cláudio Cadeco Pinto (professor), juntos desde 1994.



Alexandre Farias (diretor de arte) e Vitor Zenezi (jornalista), juntos desde 2004.



Dalia Tayguara (advogada) e Eva Andrade (auxiliar de produção), juntas desde 1995.

FOTOGRAFIA E COORDENAÇÃO DE PROJETO

Simone Rodrigues

ASSISTÊNCIA DE FOTOGRAFIA

Sílvia Paz e Simone Tomé

ASSISTÊNCIA DE PRODUÇÃO

Simone Tomé e Larissa Neves Ventura

PROJETO GRÁFICO

Tatiana Altberg

ILUSTRAÇÃO DE CAPA

Simone Rodrigues

TRANSCRIÇÃO

Cristina Zarur

REVISÃO E PREPARAÇÃO DE TEXTOS

Simone Rodrigues e Larissa Neves Ventura

TRATAMENTO DE IMAGENS

César Barreto

VÍDEO (FILMAGEM E EDIÇÃO)

Ricardo Bruno

SITE

Titta Souza

ASSESSORIA DE IMPRENSA

Júnia Azevedo e Bernardo Moura

LABORATÓRIO FOTOGRÁFICO

Speed Lab

IMPRESSÃO

Edelbra

REALIZAÇÃO

NAU Editora

AGRADECIMENTOS

A todos os casais que, com amor, coragem e confiança, se dispuseram a construir comigo este álbum de retratos, compartilhando suas experiências de vida.

A todos os amigos e amigos dos amigos que, independente de orientação sexual, ajudaram a tecer esta rede de afetos.

À minha equipe, cuja dedicação entusiasmada sempre me comoveu. Especialmente à Larissa e ao Ricardo, pelo apoio e parceria que tantas vezes transcenderam a colaboração profissional.

Ao Jean Wyllys e à Daniella Géó, pelas luxuosas colaborações na escrita dos textos de apresentação. Com toda a admiração que sinto pelo trabalho de vocês nas esferas que fundem ética, estética e política, estar em sua companhia é para mim uma forma de reconhecimento e incentivo para continuar no caminho.

À minha família, que sempre me apoiou em todas as minhas escolhas e me possibilitou a experiência do verdadeiro significado da vida familiar. É esse espírito de amor e respeito pelas diferenças que anima este trabalho.

À ABRAFH (Associação Brasileira de Famílias Homoafetivas), pelos princípios e objetivos em comum. Especialmente ao Rogério Koscheck e à Ana Lodi, pelo apoio oferecido ao desenvolvimento do projeto.

À Prefeitura do Rio de Janeiro, pelo patrocínio que tornou possível a realização deste catálogo, do vídeo de *making-of* e do site www.nomesdoamor.com.

© NAU Editora
Rua Nova Jerusalém, 320
CEP. 21042-235 Rio de Janeiro RJ
FONE [55 21] 3546 2838
contato@naueditora.com.br
www.naueditora.com.br

www.nomesdoamor.com

Distribuição gratuita
1ª edição: 2016
Tiragem: 1000 exemplares

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

R614n

Rodrigues, Simone
Nomes do amor: o amor que ousa dizer seu nome / Simone
Rodrigues. - 1. ed. - Rio de Janeiro: NAU, 2016.
72 p. : il. ; 22 cm.

ISBN 978-85-8128-048-6

1. Fotografia documental - Brasil - Exposições. 2. Minorias sexuais - Brasil. 3. Família homoafetiva - Retrato. I. Título.

16-30464

CDD: 779.9981
CDU: 77.047(81)

Projeto contemplado no Edital do II Programa de
Fomento à Cultura Carioca 2014 (SMC – Rio de Janeiro)

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



APOIO





PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO



APOIO

